

# MAURÍCIO AZÊDO

**Entrevistadora:** Carla Siqueira

**Data da entrevista:** 17/09/2008

## **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Eu sou Oscar Maurício de Lima Azedo, nasci no Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro, em 27 de setembro de 1934.

## **Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?**

O meu pai era funcionário burocrático da Companhia Nacional de Navegação Costeira. Minha mãe foi dos chamados afazeres domésticos e com a morte do meu pai ela se tornou operária embaladeira do Laboratório Raul Leite, sediado aqui no Rio de Janeiro.

## **E quais eram os nomes deles?**

Carlos de Menezes Azedo, Menezes com "Z", e Corina de Lima Azedo.

## **Já havia algum envolvimento da sua família com o jornalismo?**

Tradicionalmente sim, o meu avô, Raul Azedo, era médico e militante político no Recife, participou ao lado de um tio que viria a ser genro dele, Joaquim Pimenta, das lutas operárias no fim dos anos 1910, nos anos 1920, no Recife. O meu avô era uma espécie de preceptor e guia intelectual do Joaquim Pimenta, que se formou em Direito, era advogado, depois foi professor de Direito, professor de Filosofia do Direito e, junto com o Pimenta, ou isoladamente com outros companheiros, meu avô fundou alguns jornais, entre os quais um que tinha o título expressivo de *O Tacape*, o que mostra a intenção de contundência com que ele editava essa publicação.

**A gente observa que nesse tempo anterior à obrigatoriedade do diploma, em muitos casos foi a militância política que levou ao jornalismo. Esse foi o seu caso?**

Não, propriamente eu não vejo assim, que a militância política que conduziu ao jornalismo, eu vejo que o jornalismo, a atividade de jornal oferecia a possibilidade de o jovem ocupar um emprego determinado e ter uma complementação salarial com o bico, a atividade no jornal. Então, a razão principal era essa e não uma militância política. No meu caso, eu fui para o jornalismo em razão de militância política que tinha na época, mas esse não era o traço dominante da admissão coletiva de jornalistas nos veículos diários do Rio de Janeiro.

**E qual era a sua militância política?**

Eu era membro do Partido Comunista Brasileiro e me profissionalizei como militante do partido, trabalhando como tradutor de espanhol num dos periódicos então mantidos pelo PCB, o Partidão, chamado *Democracia Popular*, que era um jornal de tamanho standard, que publicava os documentos dos partidos comunistas de outros países, principalmente dos países socialistas que compunham então o chamado “Mundo Socialista”.

**Que época é essa da *Democracia Popular*?**

Isso é 1956, começo de 1956. O Jornal já existia desde antes, mas a minha participação no jornal começou em janeiro de 1956.

**E como que era essa imprensa comunista? Como que era um jornal desses?**

Esse jornal era um jornal um pouco pesado, porque era um jornal que publicava informes políticos dos dirigentes dos partidos comunistas, principalmente do Leste Europeu, era uma leitura rica do ponto de vista político-ideológico, mas que não tinha nenhum atrativo para o leitor de publicações comuns, era uma publicação destinada à militância do Partido Comunista e que cumpriu um papel importante no sentido da formação e da informação dos quadros políticos do Partidão na época.

**Qual era a situação da liberdade de imprensa naquela época? Um jornal desses tinha algum tipo de dificuldade?**

Não, aí, nesse momento, nós estávamos caminhando para a posse do presidente Juscelino Kubitschek. Nós tínhamos vivido, nós, o país, tinha vivido um período muito duro com o governo do general Eurico Gaspar Dutra, que tomou posse em 31 de janeiro de 1946 e governou até 31 de janeiro de 1951. E seu governo foi marcado por violências de todo o tipo contra o movimento social, contra o movimento operário e especialmente contra o movimento comunista. Decantou-se muito em algum tempo, durante algum tempo, que o general Dutra fazia uma profissão de respeito à Constituição, a qual ele se referia como “Aquele livrinho”,

numa alusão a uma edição de bolso feita do texto constitucional. Mas o governo Dutra foi marcado pela repressão a greves, repressão à liberdade de imprensa, inclusive o próprio partido teve um jornal proibido no governo Dutra, que era o jornal *Tribuna Popular*, o diário criado no Rio de Janeiro logo após a derrubada da ditadura do Estado Novo. O partido tirou um jornal, improvisou o lançamento de um jornal para substituir a *Tribuna Popular*, a *Folha do Povo*, título esse de posse do Barão de Itararé, o jornalista Aparício Torelli, que era membro do Partido Comunista e que, em janeiro de 1947, se elegeu vereador na Câmara de Vereadores do antigo Distrito Federal. E finalmente, diante de nova proibição do novo veículo criado pelo partido, o partido criou outro diário, *Imprensa Popular*, que sobreviveu até 1957 e 1958, conseguindo sobreviver à ditadura do governo Dutra com a sua fantasia de governo democrático, o governo do Getúlio Vargas e finalmente ao começo do governo Juscelino Kubitschek, que foi aquele momento em que mais se desfrutou de liberdades públicas e de liberdade de imprensa no país.

**Nesse momento em que você está na *Democracia Popular*, fora os jornais comunistas, que outros jornais tinham algum tipo de relação com partidos ou com políticos? Como é que era esse cenário de uma imprensa mais militante ou política, partidária, na imprensa da época?**

A imprensa na época era muito conservadora, tinha posições que colidiam na nossa visão com interesse nacional, você tem por, exemplo, a prova, a campanha do petróleo, que foi um movimento cívico da maior importância, como se expressa hoje na magnitude do papel que a Petrobras desempenha na vida econômica e política do país e de modo geral, os jornais eram contra tudo o que representasse o progresso, eram contra a campanha do Petróleo é Nosso, eram contra a Reforma Agrária, eram contra a organização dos trabalhadores no movimento sindical, eram contrários às greves e defensores da repressão, defensores da repressão que eram apresentadas, as manifestações de repressão, a prisão de estudantes, a prisão de líderes sindicais, o assassinato de militantes populares, eram apresentados pela imprensa como coisas naturais que integravam com naturalidade o cotidiano. E esse papel da imprensa só foi modificado a partir de 1951, 12 de junho de 1951, quando Samuel Wainer criou o jornal *Última Hora*, que constituiu uma dissonância nesse universo conservador dos veículos de comunicação.

**Era perceptível que a *Última Hora* trazia uma pauta diferente também?**

Ah sim! A *Última Hora* foi um fenômeno extraordinário na imprensa do Rio de Janeiro, que tinha um papel muito grande na imprensa do país, e na imprensa de

todo o país. O Samuel começou criando um novo sistema de profissionalização dos jornalistas. Enquanto os jornais de modo geral, quando pagavam regularmente, pagavam o piso profissional e instituído ainda no final dos anos 30, 40, pelo primeiro governo Vargas, o Samuel implantou uma revolução salarial no mercado de trabalho dos jornalistas. Eu me lembro que um dos nossos companheiros, que foi da equipe de fundação da *Última Hora*, o jornalista Walter de Araújo Machado, que ninguém conhecia como Walter de Araújo Machado e sim pelo apelido de Xavier, ele nos contava que ele trabalhava no jornal *Folha Carioca* ganhando uma importância determinada, na época talvez dois mil cruzeiros, e recebeu uma proposta para trabalhar no recente jornal do Samuel Wainer ganhando oito mil cruzeiros, isto é, quatro vezes mais o salário que ele tinha então. E isso se deu em relação a todas as funções jornalísticas, a valorização do profissional da imprensa e sua profissionalização crescente se deram graças a Samuel Wainer, com a criação da *Última Hora*, além disso, a *Última Hora* ela instituiu um jornalismo muito ágil, baseado no dinamismo da reportagem, pautas audaciosas e coberturas pioneiras. Então, por exemplo, a *Última Hora*, na cobertura esportiva, ela introduziu a novidade que constituía um avanço tecnológico importante no campo da fotografia, da publicação da sequência fotográfica de um gol. Então, o momento em que o atacante pegava a bola na linha média, avançava até chegar o gol, e cinco, seis lances da coisa eram reproduzidos fotograficamente com a sequência que permitia que o leitor acompanhasse a jogada com uma amplitude até então ignorada. Então, Samuel Wainer introduziu esse jornalismo, muito dinâmico, contratou jornalistas e intelectuais do primeiro time para assinar reportagens, matérias e colunas no jornal e imprimiu a esse veículo novo, um tom progressista que inexistia na imprensa dominante da época. O Samuel tinha uma aliança política com o Getúlio Vargas. Conta-se inclusive que o Getúlio, que foi retirado do limbo do esquecimento lá na fazenda no interior no Rio Grande do Sul, por uma reportagem do Samuel Wainer. Inclusive, essa reportagem se tornou célebre porque o Getúlio programava depois de deposto em 29 de outubro de 1945, que ele voltaria ao Catete, ao Palácio do Catete, sede da Presidência da República, a reportagem era "Eu voltarei!", entre aspas, a afirmação do Getúlio, o Getúlio ficou muito grato e se afeiçãoou pelo Samuel Wainer, que pessoalmente era um tipo muito galante, com um alto poder de sedução, por aí, era uma figura extraordinária o Samuel. O Getúlio perguntou a ele depois, ou na eminência de ser empossado, que ele, Samuel, desejaria. O Samuel havia feito a cobertura jornalística para os *Diários Associados* do julgamento dos líderes nazistas em Nuremberg, precedendo a instituição, a criação do estado de Israel, esse julgamento, e o Getúlio perguntou a ele: "Você quer ser o quê? Embaixador em Israel ou quer um jornal?", e o Samuel disse: "Eu quero um

jornal". Então, ele era um aliado político do Getúlio, tinha, o jornal que refletia o teor e o conteúdo político dessa aliança, um nacionalismo com uma posição progressista em relação às reivindicações sociais, e principalmente as reivindicações dos trabalhadores e uma abertura para a possibilidade de participação das pessoas comuns na vida política do país. Então, essa voz dissonante introduziu um elemento novo na imprensa do Rio de Janeiro, que era, inclusive, tanto do ponto de vista político, como do ponto de vista de elaboração, muito atrasada.

**Você falou de como a *Última Hora* coloca a atividade jornalística em um outro patamar, pelos salários melhores e tal. Como que era nesse tempo a luta sindical do jornalista? Em que estágio ela estava?**

A luta sindical do jornalista era muito insipiente, porque era muito baixo o nível de profissionalização na maioria dos jornais, como eu me referi anteriormente. A atividade jornalística era um bico, o sujeito tinha um emprego público ou uma ocupação na iniciativa privada, era bancário, comerciário, corretor de imóveis... E exercia o jornalismo por vocação, de um lado, e por outro lado também, como uma forma de complementação salarial. Então, essa falta de profissionalização se refletia na organização sindical dos jornalistas, que nesse momento em que eu me inicio na profissão, o sindicato tinha cerca de 20 anos de existência, ele tinha sido fundado na década de 30, por um grupo numeroso de jornalistas, entre os quais, Evandro Lins e Silva, que foi o primeiro presidente do sindicato, a frente de uma junta governativa enquanto se votavam os estatutos e se promovia a primeira, a eleição da primeira diretoria de caráter permanente do sindicato. E o sindicato cumpria um papel mais social do que reivindicatório ou de defesa de direitos políticos e sociais dos jornalistas. E para isso concorriam algumas medidas que favoreciam a categoria dos jornalistas, de uma forma abstrata e genérica, os jornalistas tinham descontos em passagens aéreas, e a aviação naquele tempo era uma novidade extraordinária, quem podia viajar de avião se destacava no meio social, e também tinha isenção do imposto de renda. Então, o sindicato era um ponto de convergência de gente estranha a profissão, a militância diária no jornalismo, porque era uma forma de se obter favorecimento pessoal em razão dessas vantagens oferecidas pela legislação. Eu me lembro que uma das lutas que nós travamos para o saneamento do sindicato, em relação a essas práticas, teve como alvo o Zica, que era conhecido como o rei do contrabando na Praça Mauá, que era sócio do sindicato. Então, o sindicato tinha esse papel absolutamente amorfo, desligado da postulação de qualquer avanço da categoria profissional e, a medida que se acentuou, depois dessa revolução causada pela *Última Hora*, o

profissionalismo no meio profissional, no meio jornalístico, o sindicato foi adquirindo um novo perfil e passou a ter um desempenho importante na organização do jornalista e nas suas lutas por salários. Mas esse começo foi um começo não muito alvissareiro, né?

**Depois a gente vai explorar mais a questão do sindicato, mas então, você está dentro da *Democracia Popular*, e como que, de um jornal comunista, você entra na grande imprensa, num grande jornal?**

Bom, eu tinha me profissionalizado como militante do Partido Comunista, porque o Partidão, na época, aplicava com rigor aquele preceito Leninista de que a revolução tem que ter um exército de revolucionários profissionais, e o partido aplicava esse preceito, profissionalizando aqueles quadros que pudessem oferecer um rendimento político em relação a modificação política e social que o partido defendia. Então, depois da *Democracia Popular*, e ainda como membro profissional do partido, eu fui chamado para fazer uma coluna diária nesse diário do partido, chamada *Imprensa Popular*, uma coluna dedicada ao movimento estudantil. Era uma coluna diária, com espaço limitado e que a gente alimentava com notícias garimpadas com certos sacrifícios, por exemplo, no calendário de eventos publicados no *Diário Escolar*, do *Diário de Notícias*, que tinha uma seção escolar muito importante e em outras publicações, como *O Estado de São Paulo* que noticiavam eventos da área gremial das faculdades de São Paulo. Então, eu comecei fazendo essa seção, depois passei a dar um expediente, não como colunista, mas um expediente normal de jornada de cinco, seis horas na redação, sob a liderança de um companheiro que faleceu há alguns anos, o Nelson Lontra Costa. Estava em curso então a reforma editorial que o *Diário Carioca* executou, através da introdução no Brasil, através da técnica do lead da imprensa norte-americana, o Lontra fazia o acompanhamento da técnica do *Diário Carioca* e procurava transplantar para a *Imprensa Popular*, na elaboração da página geral do jornal, aquilo, do ponto de vista técnico, constituía inovação trazida pelo *Diário Carioca*. Aí nós fizemos um exercício muito fecundo, do ponto de vista de formação profissional, porque além da liderança do Lontra, esse modelo que ele adotava do *Diário Carioca*, nós tínhamos companheiros que se interessavam muito pelo jornalismo e também pelo papel político que o jornal *Imprensa Popular* desempenhava. Entre esses companheiros, alguns que depois, com os quais convivemos em diferentes veículos, como o Antonio Carlos de Carvalho e o Ibi Teixeira, para citar os que a gente teve um acompanhamento mais prolongado. E aí, com a crise do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, abriu-se uma cisão no partido, um fenômeno que se deu no mundo inteiro, no movimento comunista internacional, no âmbito da *Imprensa Popular*, nós travamos uma luta

política interna, porque nós defendíamos que o jornal deveria ter uma maior abertura para o movimento popular, do ponto de vista de forma do jornal, ele ser mais atraente, por aí... E essa foi, refletindo já as conclusões do 20º Congresso do PCUS. E essa luta foi uma luta áspera, eu me lembro de um momento em que o Lontra promoveu nessa última página, visando dar agilidade e leveza a página, ele publicou uma fotografia, em duas colunas, três colunas, com um certo destaque, o relevo, de uma miss de maiô, quando saiu essa publicação a irmã do Prestes, Clotilde Prestes, que era uma das principais participantes do movimento de apoio financeiro ao jornal, Movimento de Apoio à Imprensa Popular, MAIP, porque a venda do jornal em bancas era insuficiente para manter o jornal, o jornal não tinha anunciantes por causa da sua orientação política, e sobrevivia muito dessas campanhas, algumas de caráter permanente como essa que a Clotilde Prestes dirigia. Então, a Clotilde, quando saiu essa foto, ela foi à redação do jornal, à frente de uma comissão de mulheres, para protestar contra aquilo que ela achava uma licenciosidade do jornal do Partido Comunista e etc e tal, por aí. Bom, então essa foi uma luta muito áspera, em que havia dois grupos em confronto político, nós que constituíamos a maioria, e que nos definíamos como os *abridistas*, isto é, os defensores da abertura, contra os *fechadistas*, aqueles que pretendiam manter o jornal e as práticas políticas na redação fechadas dentro daquela dureza que caracterizava os tempos anteriores ao 20º Congresso. E esse confronto resvalou para um enfrentamento físico, porque, além da luta interna e espelhar essa nossa disposição de abertura, nós éramos também contestadores da direção do partido na área da imprensa. Então, a direção do jornal, num momento em que nas assembleias internas nós registramos a maioria em relação às propostas que apresentávamos, a direção do jornal apelou para os mecanismos partidários para mobilizar os companheiros, como, por exemplo, do cais do porto, contra uma turma que queria tomar de assalto o jornal da classe operária. E aí, isso desembocou na nossa expulsão, na dissolução do grupo, desse segmento abridista, e aí os companheiros foram procurando os seus caminhos. O Lontra, por exemplo, foi para o *Jornal do Brasil*, o Antonio Carlos e o Ibi Teixeira, que tinham mais tempo de militância jornalística que eu, foram para a *Última Hora*, por aí. E eu enveredei pelo caminho do trabalho comum na iniciativa privada, fui ser escriturário na Companhia Internacional de Seguros, onde fiquei até 1957, fim de 1957, véspera do ano em que pude me profissionalizar como jornalista em maio de 1958, pela mão do jornalista, Luís Paulistano, Luís Orleans Paulistano Santana, que é o mestre da geração mais brilhante e mais responsável pela fisionomia que o jornalismo no Rio de Janeiro e no país, assumiu a partir dos anos 50, 60.

**Fale um pouco mais do Paulistano e dessa importância dele na renovação do jornalismo.**

Deixa eu dizer, nós estamos comemorando agora o centenário da ABI, que foi fundada em 07 de abril de 1908, pelo Gustavo de Lacerda e um grupo de oito jornalistas que trabalhavam nos principais jornais do Rio no começo do século XX. Bom, nós editamos, como parte das comemorações do centenário da ABI, nós editamos uma publicação, uma edição especial de centenário, volume um, e ficamos no volume um porque a pauta que nós fizemos, ela se tornou tão abrangente, tão fecunda, que para publicar todos os textos que imaginamos, uma edição só de 82 páginas como essa, não era suficiente. Então, estamos fechando outra edição, e nessa edição eu faço uma matéria sobre o Luís Paulistano, inclusive repetindo no título, uma definição que o Danton Jobim, que foi um grande jornalista, foi um dos responsáveis, com o Pompeu de Souza e o Luis Paulistano, pela adoção da técnica do lead no *Diário Carioca*, o Danton Jobim, na morte do Paulistano, em 21 de fevereiro de 1961, ele fez na edição seguinte do *Diário Carioca* um artigo em que festejava a trajetória profissional de Paulistano, e o apontava, como ele era conhecido na época, como "O Amestrador de Focas", isto é, o mestre dos jornalistas que chegavam, dos jovens que chegavam as redações procurando ser jornalista. E nesse texto eu realcei alguns aspectos da atuação do Paulistano, que era um líder no meio profissional, sem jactância, sem arrego de oratórias, aquela liderança exercida de forma suave pelo exemplo da competência e do respeito ao companheiro, o Paulistano foi o responsável pela criação do sub-lead, porque originariamente na técnica de redação dos Estados Unidos, só havia o lead, aquela forma que responde as cinco perguntas essências dos cinco dados, que, quando, como, onde e por que. E na apresentação do lead, no noticiário do *Diário Carioca*, ficou a ideia de que do ponto de vista gráfico, aquela arrumação do jornal, a disposição gráfica da matéria, ficava um pouco desequilibrada, e aí o Paulistano imaginou, "Não, nós podemos estabelecer o equilíbrio, na medida em que a gente criar outro parágrafo igual em tamanho ao lead, desenvolvendo outro aspecto da matéria, mas de modo a adotar o jornal do equilíbrio que atualmente está faltando". Então, essa foi uma contribuição importante e duradoura, e que prevalece até hoje na imprensa brasileira, porque, embora tenham ocorrido muitas transformações nas técnicas dos jornais diários, por exemplo, a essência permanece baseada no lead e no sub-lead. O Paulistano, ele tinha também uma capacidade pedagógica muito grande, ele tinha um poder didático natural, em que oferecia a melhor alternativa de cobertura para os companheiros mais jovens, seja indicando quando o companheiro voltava da rua com a matéria, indicando qual o ângulo que seria mais adequado para abrir a matéria, seja sentando na máquina



com o companheiro e ele próprio batendo... “Olha, vamos ver se fica bem assim”, e aí, com base nas informações, ia montando a notícia e isso constituía um exemplo muito forte de ensinamento, de forma de ensinamento. Então, o Paulistano, ele tinha essa sensibilidade, tinha esse desprendimento e tinha também uma espécie de premonição em relação aos companheiros que chegavam ao jornal, por exemplo, uns dos que chegaram no *Diário Carioca*, quando ele era chefe de reportagem, foi o Evandro Carlos de Andrade, que era recém-formado em Direito, me parece, e por uma indicação qualquer, chegou a redação do jornal querendo ser jornalista. Foi encaminhado naturalmente ao chefe de reportagem, que era quem fazia a escala do pessoal para o trabalho diário, no contato dos dois, o Paulistano verificou que ele era estudante ou formado em Direito, poderia oferecer uma contribuição importante em matérias que tivessem necessidades de conhecimentos dessa área, e havia um júri muito importante, um julgamento no tribunal do júri muito importante naquele dia, ou naqueles dias, O Paulistano destacou o Evandro para fazer a cobertura, e o Evandro voltou com a matéria que o Paulistano achou brilhante e assim como toda a redação, e esse foi o início do Evandro Carlos de Andrade, graças a esse faro que o Paulistano tinha de descobrir talentos. O Paulistano era também um renovador de jornal, não circunscrito a questão da técnica do lead e do sub-lead. Quando o San Tiago Dantas procurou se lançar na política e adquiriu o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, o Paulistano foi incumbido pelo diretor designado pelo San Tiago Dantas, o Otávio Tirso Lúcio Cabral de Andrade, que a gente chamava de Otávio Tirso, de organizar uma redação. E o Paulistano iniciou então um trabalho de modernização do *Jornal do Commercio*, que era, como é até hoje, o jornal mais antigo do Rio de Janeiro, fundado que foi em 1º outubro de 1827, e que tinha, guardava na própria aparência uma feição muito conservadora, tinha uma feição muito conservadora, porque, por exemplo, a primeira página era toda para o noticiário internacional, por aí. Não publicava fotografias, e o Paulistano fez uma revolução no *Jornal do Commercio*, no dia em que o *Jornal do Commercio* publicou uma fotografia na primeira página, foi uma notícia para os outros jornais, inclusive o *Jornal do Brasil*, e criou alguns veículos, alguns suplementos que o jornal até então com a sua feição conservadora não cogitava. Ele criou, por exemplo, um caderno de turfe, baseado inclusive no fato de que o San Tiago Dantas era muito interessado em corridas de cavalos e chegou até a concorrer a presidente do Jockey Clube Brasileiro. Enfim, e tanto no *Diário Carioca*, como no *Jornal do Commercio*, o Paulistano formou toda uma geração de repórteres, redatores, editores, diagramadores, que depois se espalharam pelos... Depois, e de uma forma prolongada, se espalharam pelos

jornais do Rio de Janeiro, ampliando o alcance das transformações em que ele tinha sido o grande mestre no *Diário Carioca* e no *Jornal do Commercio*.

**Sobre a introdução do lead no jornalismo brasileiro, como é que foi esse processo? Quando o Pompeu de Souza volta dos Estados Unidos, ele traz essas inovações? Como é que se dá a aceitação dos jornalistas, dos antigos e dos jovens? Como é que essa mudança se processou no jornalismo brasileiro?**

Eu tive a possibilidade, a oportunidade e a felicidade também de obter um depoimento sobre isso do Pompeu de Souza, um depoimento gravado, cuja a primeira parte nós publicamos no antigo Boletim ABI, o Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, exatamente sob o título "A chegada do lead ao Brasil", em que o Pompeu de Souza faz uma narrativa não centrada na questão do lead, sobre o lead, mas dá a trajetória dele como jornalista num determinado momento da atividade profissional dele. Nos anos 40, havia uma política de aproximação entre os Estados Unidos e a América Latina, a política da boa vizinhança, que vinha desde o final dos anos 30, e que foi responsável, dentre outras coisas, da ida da Carmem Miranda para os Estados e Unidos, e nesse quadro de colaboração, quando se declarou a guerra contra o fascismo, se abriu a possibilidade de participação de jornalistas brasileiros nos serviços de informação mantidos pelos Estados Unidos para distribuição na América Latina e no resto do mundo. E o Pompeu, ele foi trabalhar nos Estados Unidos, no âmbito desse programa, e aí, como ele era um homem muito inteligente, muito dinâmico, ele fez observações sobre a imprensa norte-americana do ponto de vista técnico e do ponto de vista de cobertura, do ponto de vista do tratamento da notícia e da informação depois de levantada. E no *Diário Carioca*, ele procurou introduzir aquelas observações que ele havia feito. E por outro lado também, um dos diretores do *Diário Carioca*, era o doutor Jobim, que também havia estado nos Estados Unidos e era um mestre do jornalismo, foi um dos principais professores do pioneiro curso da Faculdade Nacional de Filosofia, da antiga Universidade do Brasil, foi na prática o implantador deste curso, e os dois associados com a colaboração do Paulistano, passaram a adotar essas técnicas derivadas dessas observações que o Pompeu fez e que se expressavam às mudanças não apenas na forma de redigir os textos, as mudanças se refletiam também nas titulações das matérias, porque embora não fossem dominantes, os títulos eram muito longos, e em alguns casos precedidos até, quando se tratavam de uma autoridade digna de apreço especial, vinha com um tratamento respeitoso, o excelentíssimo, o excelentíssimo abreviado, "O Excelentíssimo Senhor Ministro da Guerra Visita a Fábrica de Pólvora de Estrela". E nessas mudanças que o Pompeu

patrocinou junto com o Danton Jobim, e com o Paulistano, vinha essa agilidade nos títulos. Eu me lembro que nesse depoimento o Pompeu mencionava um título que ele deu que causou furor na imprensa da época, um título curto numa matéria sem significação especial, que era antes da eleição de 1945, a saída do Dutra do cargo de ministro da Guerra para concorrer a presidente da República e a sua substituição pelo General Góes Monteiro, Pedro Aurélio de Góes Monteiro, que era um dos chefes militares mais importantes da época, então normalmente um jornal noticiaria: "Presidente da República Concede Exoneração a Dutra e Nomeia para Substituí-lo Góes Monteiro", e o Pompeu deu um título que fez furor, "Sai Dutra, Entra Góes", o que era uma inovação incrível porque jamais ninguém cogitaria daquela liberdade, daquela desenvoltura e aquele despreço à autoridade, que esse título então expressava.

**Então a gente está falando em como o lead altera o fazer jornalístico. Você falou na mudança também, não apenas na maneira como o repórter redigia o texto, mas também na titulação. E mudou a maneira de como o repórter apurava as reportagens?**

Sim, porque tinha que haver uma concentração do interesse do repórter na cobertura, nos aspectos que conduzissem a valorização da informação levantada do ponto de vista gráfico e do ponto de vista editorial de titulação. Então, essa técnica, caiu num fenômeno, uma espécie de simbiose, essa técnica modificava o comportamento dos repórteres, assim como os repórteres com o que traziam modificavam e enriqueciam essa técnica. Então, veja você, essa técnica permitiu o afastamento de um grande vício que a imprensa ocupava na época, que era o chamado "nariz de cera". Então, antes de noticiar, por exemplo, que o operário José da Silva, num gesto de desespero, tentou contra a vida e foi salvo, graças a intervenção da equipe médica do Hospital Souza Aguiar, por aí, para dar uma notícia sobre um episódio dessa natureza, o repórter e o redator, pontificavam sobre as agruras que o ser humano enfrenta diante de certas dificuldades. Então, começava dizendo que há seres humanos que não suportam a dor de uma saudade, ou de um tratamento desprivilegiado, prolongado etc e tal, e aí depois dessa introdução em que se derramava uma pretensa vocação literária, dizia: "Foi o que se deu com o operário José da Silva, que ontem teve que ser socorrido no Hospital Souza Aguiar", etc e tal, por aí. Então, essa mudança implicava também na rejeição desse modelo de levantamento da informação e de apresentação da informação. É possível registrar, que essa transformação que o *Diário Carioca*, com o Danton, Pompeu e Paulistano, introduziu, não foi acolhida de modo imediato pelo conjunto da imprensa, essa foi uma forma jornalista que foi ganhando espaços de uma

forma prolongada e enfrentando dificuldades. Uma contribuição importante para essa mudança foi a reforma do *Jornal do Brasil* nos anos 50, na segunda metade dos anos 50, sob o comando inicialmente do Odylo Costa Filho, depois o Jânio de Freitas, por fim, o Alberto Dines, que foi o consolidador da reforma. A presença do *Jornal do Brasil* com essa reforma contribuiu para difundir esse modelo de que o *Diário Carioca* seria pioneiro, mas em alguns casos, houve pelo menos 20 anos de modificação de algum estilo de jornal. Por exemplo, *O Globo*, *O Globo*, até meados do começo dos anos 70, ele abria uma notícia pelo padrão antigo, herdado do Alves Pinheiro, que foi um grande jornalista que dirigiu a redação do jornal durante largo tempo. Então, *O Globo* abria a notícia dizendo o seguinte: "Realizou-se Ontem, no Jockey Clube Brasileiro, a Posse do Novo Presidente". Essa ideia de começar uma notícia, com o verbo na voz passiva é um desastre no ponto de vista de técnicas jornalísticas, mas *O Globo* adotou esse sistema, até que nos anos 70, com o Moacir Padilha, ele foi alterando a sua forma de redação e levou para a redação alguns mestres das técnicas jornalísticas, entre os quais, o Nilson Lage, que tinha sido do *Diário Carioca* e tinha sido secretário do *Jornal do Brasil*, e o Luiz Lobo, Luiz Jorge de Azevedo Lobo, que foi um talento precoce na revista *Senhor*, do Naum Sirotsky, e que se tornou um dos grandes jornalistas, tanto do jornalismo diário, como de publicações periódicas, publicações ditas hebdomadárias, né? Então, a partir da chegada de gente como o Nilson Lage, o Luiz Lobo, posteriormente o Evandro Carlos de Andrade, que foi o ampliador e o consolidador dessa reforma, *O Globo* passou a adotar uma técnica moderna de apresentação da notícia, na esteira do que tinha sido trazido pelo *Diário Carioca* e pelo *Jornal do Brasil*, mas esse foi um processo lento, não foi algo miraculoso na base do "Abre-te Sésamo" e tudo teria sido feito de imediato.

**Você comentou anteriormente a importância da *Última Hora*, no processo de profissionalização da carreira do jornalista, você diria então que o *Diário Carioca*, com o manual de redação inovador, com a técnica do lead, ele também teve um papel importante nesse processo de profissionalização da carreira?**

De uma forma indireta e mais distante, sim. Porque o *Diário Carioca* tinha uma característica, o *Diário Carioca* era um jornal de grande prestígio, inclusive entre os colunistas que o jornal lançou, estava o Jacinto de Thormes, que durante largo tempo até o fastígio do Ibrahim Sued, foi o papa do colunismo, da crônica social no Brasil. Tinha articulistas como o Sérgio Porto, que depois ganharia renome sobre o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, mas tinha uma baixa circulação, não tinha anúncios e pagava os salários com um extremo atraso. O *Diário Carioca*, em

determinados momentos, chegava a dever seis a oito meses de salários à sua equipe, que curiosamente trabalhava com grande paixão, porque era um jornal muito querido pela sua equipe, pelo papel que desempenhava e também pela liberdade que as pessoas tinham, mas a contribuição que o *Diário Carioca* deu a esse processo de profissionalização foi na medida em que permitiu o aperfeiçoamento técnico dos jornalistas. Mas o processo mesmo, ele foi inaugurado com o lançamento do *Última Hora*, do Samuel Wainer.

### **Como é que o *Jornal do Brasil* entrou na sua vida?**

O *Jornal do Brasil* entrou na minha vida por acidente, porque antes de ir para o *Jornal do Brasil* eu trabalhava na sucursal do *Diário Carioca* em Niterói, como parte de um projeto jornalístico que tinha à frente o Luís Paulistano, mas que logo depois foi interrompido pela morte dele no acidente com o helicóptero do governador Roberto Silveira, e cumpria lá a nossa rotina dentro desse projeto jornalístico que eram também um projeto político, porque um dos diretores do *Diário Carioca*, o Augusto de Gregório, era deputado federal pelo PTB e aspirante e candidato potencial para a sucessão do governador Roberto Silveira. Então a turma do *Diário Carioca*, montou um esquema político em combinação com o Roberto Silveira, e com o De Gregório, que previa o apoio jornalístico que o *Diário Carioca* pudesse dar a esse projeto. Bom, e aí, em março de 1961, houve uma vaga no copidesque do *Jornal do Brasil*, eu tinha um relacionamento com o José Ramos Tinhorão, exatamente através do Paulistano, porque o Tinhorão numa época foi editor de um suplemento do *Correio da Manhã* que era publicado independente do jornal, um suplemento chamado *Singra*, e pediu um artigo ao Paulistano, e o Paulistano disse: "Olha, eu estou muito atarefado, mas eu acho que quem pode fazer o artigo para você é um companheiro meu, o Maurício Azedo, etc e tal", e aí eu iniciei o relacionamento com o Tinhorão, com esse aval de qualidade dado pelo Paulistano. Então, em março de 1961, quando se deu uma vaga no copidesque do *Jornal do Brasil*, o Jânio de Freitas que era o secretário de redação e o chefe do copidesque como secretário de redação, pediu indicação as pessoas, e o José Ramos Tinhorão disse: "Eu tenho uma indicação a fazer, o Maurício Azedo, que é do *Diário Carioca*", aí eu tive uma entrevista sumarássima com o Jânio de Freitas, dizendo o nome, o que eu fazia, onde eu tinha estado e etc e tal, e ele disse: "Senta aí e começa a trabalhar". Aí eu comecei a trabalhar no *Jornal do Brasil*, que nos deu uma densidade em termos de técnica profissional muito grande, porque o copidesque, eu ia ser copidesque do *Jornal do Brasil*, a vaga era no copidesque. O copidesque do *Jornal do Brasil* só tinha feras. O Tinhorão, que era e é um redator primoroso, o Nilson Lage, o Sérgio Noronha, o Décio Vieira Ottoni, o Hélio Pólvora, o Bandeira

Filho, o Lago Burnett, só *cobra*. Então, nós tínhamos uma convivência muito, muito intensa, muito rica, porque o jornal era, em termos de jornalismo no Rio de Janeiro, que fazia as melhores reportagens, tinha os melhores textos, tinha os melhores repórteres e isso foi um aprendizado muito importante para cada um de nós, mesmo os mais competentes, a cada dia, porque era um exercício diário de aplicação da técnica jornalística e sob o controle de um padrão rigoroso, que era o padrão do Jânio de Freitas, muito exigentes em termos técnicos, em termos de qualidade. E com a saída do Jânio, em decorrência de uma crise política, uma crise no relacionamento dele político com o Nascimento Britto, assumiu o cargo de secretário do jornal o Nilson Lage, que era e é um jornalista portentoso, é um redator como raramente você encontraria em qualquer parte do país, era o Nilson Lage.

**Quando você chega no *Jornal do Brasil*, em março de 1961, em que pé estava a reforma do *JB*?**

A reforma do *JB* estava praticamente completada, carecendo de aperfeiçoamentos que logo em seguida seriam introduzidos pelo Alberto Dines. Nesse momento em que sai o Jânio de Freitas, porque o Jânio era muito voluntarioso, e também do ponto de vista do exercício das funções dele, muito cioso do seu poder, então, não era um telefonema do doutor Nascimento Britto, "Jânio, a notícia é assim ou assado", ele não acataria um negócio desse e o Britto também não teria coragem de fazer isso em relação desse caráter voluntarioso e dessa, caráter muito afirmativo do Jânio. Com a saída do Jânio, abriu-se um período de transição, em que assumiu a direção do jornal, como secretário e também comandando a redação, um economista e escritor chamado Omer Monte Alegre, que era funcionário do Instituto do Açúcar e do Alcool, voltado para as coisas de economia, e nesse lapso decorrente da crise, que se seguiu a saída do Jânio, foi alçado a condição de substituto do Jânio. Como dizia os antigos, o consulado do Omer Monte Alegre não foi muito prolongado, porque ele era muito aplicado, muito respeitoso na relação com os jornalistas, mas ele não tinha aquele sangue de jornalista do jornalismo diário, porque ele estava, àquela altura do campeonato, mais voltado para as questões da área de economia. Aí, após esse breve consulado, assumiu o Dines, que aperfeiçoou a reforma, introduziu modificações importantes, inclusive a criação do Departamento de Pesquisa do *Jornal do Brasil*, que, além de pesquisa e oferecer textos que subsidiavam as matérias do dia-a-dia, tinha uma equipe também de extrema competência, na qual figurava, entre outros, nosso Fernando Gabeira e também o nosso Juarez Barroso, que morreu precocemente, com menos de 50 anos. E, além disso, o Dines tinha, como tem até hoje, uma sensibilidade pra

notícia, pra informação, para o efeito do texto, muito grande, e o *Jornal do Brasil* tinha uma posição progressista no quadro das instituições do país, embora com avanços e recuos. Nessa época, os editorialistas do *Jornal do Brasil* eram o Hermanno Alves e o Mauro Faustino, um grande poeta, que morreu num acidente de aviação quando viajava para o Peru, eram os editorialistas, que inclusive fizeram uma vez um editorial sobre um título marcante que constituiria até uma definição programática do *Jornal do Brasil*, o título era "Posição Democrática". Então, o *Jornal do Brasil*, nesse texto, declarava que apoiava a idéia de reformas, de reformas sociais, políticas e econômicas, pelas necessidades que o país enfrentava, sem sabujismo, nem submissão, ao governo manifestava disposição de apoiar todas as iniciativas do poder público que apontassem nessa direção do progresso econômico do país e também de respeito ao presidente que liderava a luta pelas reformas, que era o João Goulart. Então, nesse momento, com o Dines à frente, o *Jornal do Brasil* desempenha um papel muito progressista, que logo em seguida, com o golpe militar de 1º de abril de 1964, vai sofrer um baque muito grave, não tão intenso como a partir do AI-5, mas já no governo Castelo Branco, a partir de abril de 1964, os jornais tinham um, promoviam uma espécie de autocensura, inclusive porque, a despeito dessa posição de anos antes, a maioria dos jornais, a exceção da *Última Hora*, foi patrocinadora do golpe.

**Ainda sobre o *Jornal do Brasil*, eu gostaria que você falasse como é que era o ambiente na redação, o dia-a-dia, as reuniões diárias, que começaram na redação, que era uma coisa também que ninguém fazia. Como é que era o clima, a atmosfera, você consegue transmitir essa idéia pra gente?**

Dou, mas embora, com a seguinte característica, o copidesque trabalhava de noite, o copi que chegava mais cedo, que era o Bandeira Filho, ele chegava cinco e meia, seis horas, para fazer o adiantamento das matérias de páginas secundárias que precisavam ser fechadas logo, mas o grosso dos redatores chegavam às seis e sete horas da noite. Então, esse processo do dia-a-dia, na parte da manhã e à tarde no jornal, os copidesques, como eu, não tinham acompanhamento e não tinham participação. Nós tínhamos sim um grande relacionamento com a reportagem, porque o jornal, ele era basicamente um jornal de reportagem e de levantamento de informações dos assuntos relevantes para o leitor médio de um veículo com as características do *JB*. Então, havia um conagraçamento e uma confraternização muito grande entre os copidesques e os repórteres, porque, embora do ponto de vista técnico e até do ponto de vista étário, o copidesque, tivesse mais consistência que o pessoal da reportagem, havia uma confraternização e um sentimento de igualdade muito grande. Eu me lembro, por exemplo, que alguns repórteres, eles,

porque as matérias da reportagem geral e noticiário nacional, tudo era reescrito pelo copidesque, nós éramos 12 copidesques, que é uma bateria de reescrevedores de textos muito grande e alguns campeões de datilografia, como Hélio Pólvora e Nilson Lage, que seriam campeões mundiais de velocidade na máquina de escrever. Inclusive, os repórteres acompanhavam os seus textos, procurando influenciar o secretário que fazia a distribuição das matérias pelos copi para que fosse, o responsável pelo copi da sua matéria fosse um jornalista determinado desse grupo e não outro. Eu me lembro que um companheiro muito querido, o Amauri Monteiro, que também morreu precocemente, deixou o jornalismo impresso e foi pra televisão, teve um problema de saúde grave e morreu prematuramente, eu me lembro que o Amauri Monteiro, ele cobria o caso do assalto ao trem pagador, a busca do Tião Medonho etc e tal, por aí, e ele dizia: "Eu quero que o meu copi seja o Azedinho", porque a gente tinha uma, uma espécie de ligação em relação àquele assunto, que ele sentia que eu daria um aproveitamento melhor ao texto dele a partir de um pormenor importante: o respeito ao texto dele. Porque ele tinha uma sensibilidade na montagem da informação, da apresentação dos dados que levantava, realmente extraordinário. Havia o sentimento de que se fazia uma obra coletiva com o copi e com a reportagem, onde havia jovens valores muito talentosos, a Ana Arruda, Maria Inês Duque Estrada, o Amauri Monteiro, o Ribeiro Luz, alguns mais calejados, como José Machado, que depois foi presidente do Sindicato dos Jornalistas, por aí. Havia um clima de colaboração e de interação muito grande entre a equipe de reportagem e a equipe do copidesque. Eu me lembro, por exemplo, que o Prêmio Esso, o *Jornal do Brasil* era, na época, um dos mais papa-tudo do Prêmio Esso e quando chegava o Prêmio Esso havia premiações do pessoal do *Jornal do Brasil*, da reportagem, da fotografia, era uma festa na redação, com champanhe, por aí, todo mundo festejando a conquista do companheiro como se fosse uma conquista de cada um. E pelo menor, num desses momentos, eu assisti logo no começo da minha presença, minha participação no *JB*, que foi a vitória do da Silvia Donato, repórter do jornal, no Prêmio Esso de 1960 e concedido em 1961, em que ela fez uma campanha que teve grande repercussão social e deu grande prestígio no sentido humanista ao jornal, que era uma campanha que tinha o título: "Adote uma criança neste natal". Então, a Silvia montava reportagens por aí, mas o tratamento final era do copidesque conseguir dotar os textos dela de um poder de humanização da iniciativa e sensibilização da opinião pública muito grande. Quando a Silvia Donato, que era também uma companheira, era uma companheiro já madura em relação a nós, mas era uma companheira muito meiga, muito amiga dos colegas de trabalho, eu me lembro que essa conquista da Silva Donato foi festejada por todos nós como se cada um de nós



tivesse ganhado aquele prêmio que ela conquistou com o forte sentido humanista que ela tinha.

### **Como foi a sua saída do *Jornal do Brasil*?**

Não, a saída foi, nós fizemos uma greve na noite de 14 de novembro de 1962, nós vimos no entendimento para renovação do acordo salarial e do dissídio salarial dos jornalistas, tínhamos concertado uma aliança com os gráficos, que também estavam em campanha salarial. O vencimento do acordo com o letivo dos gráficos era em novembro e o nosso em fevereiro, e os gráficos estavam muito mobilizados para tentativa de dobrar os padrões, o patronato. E aí, na noite de 14 de novembro, os gráficos tinham decidido entrar em greve no dia 15 e no dia 16, 15 de novembro, feriado, dia 15 e dia 16, nós fizemos uma assembleia geral, que começou a meia-noite, no Sindicato dos Bancários, o salão amplo do Sindicato dos Bancários, na Avenida Presidente Vargas, 502, salvo engano, 21º andar. E saímos da assembleia com a decisão de greve e, efetivamente, no dia seguinte, poucos jornais circularam e circularam em condições sacrificadas, com tiragem reduzida, por aí, porque, além da decisão de greve, nós formamos os chamados piquetões para barrar a saída dos jornais, impedir a circulação dos jornais. Eu me lembro que na hora se fez a escolha “Quem vai para o piquete tal por aí?”, o piquetão do *Globo* todo mundo queria ir, porque *O Globo* era na época o jornal de política salarial mais fechada, mais insuficiente, ao contrário, por exemplo, do *Jornal do Brasil* e da *Última Hora*. Então, fizemos a greve dois dias, houve o julgamento do dissídio dos gráficos no Tribunal Regional do Trabalho, o TRT declarou a greve ilegal, nós fomos para o Tribunal, em passeata, no começo da tarde, saímos no final da tarde, também em passeata, gráficos e jornalistas. Quando passamos pela Avenida Rio Branco, pelo *Jornal do Brasil*, nós, que éramos do *Jornal do Brasil*, íamos tomar o caminho da redação, enquanto os gráficos iam para a assembleia deles, que era na sede do Sindicato, na Avenida Presidente Vargas, ali nas proximidades da Rua Uruguaiana. E antes que chegássemos ao *Jornal do Brasil*, veio a notícia da demissão de 15 grevistas, de 15 jornalistas considerados os líderes da greve no *JB*. Aí nós fomos para uma assembleia no sindicato, uma assembleia dramática, inclusive com choro, por exemplo. A Ana Arruda, que era muito novinha, muito queridinha da Condessa Pereira Carneiro, porque era católica, a condessa católica, ela, uma jovem profissional muito brilhante, a Ana Arruda, aquela decisão para ela foi um trauma profundo e ela desabou em lágrimas. E aí não voltamos mais à redação. Fomos demitidos por justa causa, o salário da quinzena foi depositado no Banco Nacional normalmente, mas indenização, aviso prévio, nada disso foi pago aos grevistas demitidos. Eu e Sérgio Cabral ajuizamos uma reclamação trabalhista

contra o jornal, levamos dois anos com uns advogados competentes defendendo o nosso interesse, mas o *Jornal do Brasil* e o sindicato patronal tinha uns advogados chicaneiro, que empurravam as audiências, provocavam o adiamento das audiências, e após dois anos nós fomos compelidos a aceitar um acordo que não reconhecia a integralidade dos nossos direitos, mas que para nós, naquele momento, era jogo porque não dava mais para continuar naquele jogo de empurra da chicana que o *Jornal do Brasil* fazia. E isso se dava não apenas com a gente. Na Agência Meridional, que era a agência dos *Diários Associados*, pioneira no Brasil na produção e distribuição de notícia para jornal e rádio, eles aproveitaram a greve para demitir 70 profissionais pela ordem de tempo de casa que tinham, a maioria estável, botar na rua por justa causa. E no *Globo* também houve demissões, mas a mais importante foi do companheiro chamado João Antonio Mesplé, que levou 12 anos ganhando em todas as instâncias do *Globo* e o *Globo* sempre recorrendo, até que ele ganhou em instância final, após 12 anos de luta.

**Como é que o Sindicato dos Jornalistas e a ABI participavam de alguma maneira dessas iniciativas reivindicatórias?**

Não, deixa eu fazer aí uma dissociação: a ABI não tem nenhuma atuação corporativa do ponto de vista de reivindicação social, salarial, porque a finalidade institucional dela não é essa, a finalidade da ABI é promover a defesa da liberdade de imprensa, dos direitos democráticos e contribuir, através de várias iniciativas, para o aperfeiçoamento técnico, cultural e ético dos jornalistas, mas sem interferência nas questões relacionadas com capital e trabalho, enfrentamento patrões e empregados, esse é um campo estranho a destinação da ABI. O sindicato não, o sindicato, o papel dele é defender os direitos da corporação jornalística em todos os aspectos relacionados com o contrato de trabalho e o dia-a-dia da atividade jornalística, inclusive no que concerne à oferta de garantias ao exercício e segurança da atividade profissional. O sindicato foi quem liderou a greve dos jornalistas, mas por um acidente, algo que era estranho ao comportamento do sindicato na época. O sindicato era presidido na época por um jornalista antigo, maduro, Luiz Guimarães, que era diretor da *Gazeta de São Paulo*, da sucursal da *Gazeta* no Rio de Janeiro, e que não tinha nenhuma vinculação com o dia-a-dia da profissão, era muito festejado em razão daquelas vantagens que o sindicato oferecia, inclusive a estranhos ao meio profissional. Mas na eleição que precedeu a declaração da greve, nós conseguimos formar uma aliança com o Luiz Guimarães, a contragosto dele, de modo que pudéssemos indicar algum representante do dia-a-dia dos jornalistas para integrar a diretoria, e indicamos para a secretário do sindicato um companheiro, Nilson Ferreira de Azevedo, que era um repórter que

cobria o movimento sindical, muito qualificado e também muito hábil no tratamento político com o Luiz Guimarães. Tanto que foi o Nilson Azevedo que conseguiu arrancar do Luiz Guimarães a decisão de convocação da assembleia em que nós aprovamos a deflagração da greve, porque se dependesse do Luiz Guimarães e de seus outros companheiros de diretoria, a exceção do Nilson Azevedo, essa assembleia não se teria realizado.

**Que momento é esse que você está na *Última Hora* e qual era a situação do jornal? Em que ano você entra na *Última Hora*?**

Bom, aí, isso tem uma vinculação com a greve, porque, além de demitir os jornalistas, o sindicato patronal estabeleceu uma espécie de lista negra, de modo que os demitidos não encontrassem serviço em nenhum veículo, nenhuma empresa do Rio de Janeiro. E isso foi cumprido pelo patronato. Bom, então, 1962, em novembro de 1962, eu fiquei um período marginalizado, até que consegui uma oportunidade de trabalho no *Jornal dos Sports*, que, como era um jornal diferente dos demais, não fazia o acompanhamento desses enfrentamentos, inclusive de caráter sindical entre jornalistas e empresas. E aí eu fui trabalhar no *Jornal dos Sports*, onde tive uma experiência rápida, mas muito rica, porque convivi com uma figura extraordinária de jornalista e de humanista, que era o Mário Filho, que dá nome hoje ao Maracanã, e tive oportunidade de realizar algumas coisas no *Jornal dos Sports*, que muito me gratificaram do ponto de vista pessoal. Eu, por exemplo, redigi o primeiro "style book", manual de estilo, do *Jornal dos Sports*, que quando eu cheguei lá tinha todos os termos de futebol, de esportes em inglês, era match, football, basket-ball, volley-ball... E eu fiz esse style book, promovendo inclusive uma modernização da técnica jornalísticas, refletindo a minha vivência no *Diário Carioca* e no *Jornal do Brasil*, e promovendo esse aportuguesamento dos termos utilizados pelo jornal, com certo constrangimento do Mário Filho, que era um desportista ainda vinculado às tradições mais remotas dos esportes em geral. Mas eu tinha ido para o *Jornal dos Sports* a convite do filho dele, o Mário Júlio Rodrigues, a quem ele pretendia passar o domínio, o controle e a elaboração do jornal, o Mário Júlio me disse: "Maurício, a gente precisa modernizar esse jornal e você tem carta branca para fazer isso", então, toda questão em que a gente tinha dificuldade, a gente chegava para o Mário Júlio: "Olha, Mário Júlio, nós vamos, estamos querendo adotar tal e tal providência, vai haver resistência, você tem que desde logo falar com teu pai para assegurar que a gente produza isso". Bom, essas modificações não se fizeram sem atropelos, porque, por exemplo, nós introduzimos um dos companheiros da redação que tinha que indicado, inclusive, para a função de chefe de reportagem ao Mário Júlio, a quem eu não conhecia, o Fichel Davit

Chargel, que era meu companheiro de muitos anos. E aí nós adotamos uma série de medidas, como, por exemplo, a lauda padronizada, em vez de fazer os textos na apara da bobina de papel que vinha da oficina, nós, em combinação com o Davit e os outros diagramadores, introduzimos a lauda pautada para você escrever de um a 30 por linha, num padrão que vinha *Jornal dos Sports* no alto etc e tal, o diagrama... Isso encontrou uma resistência tão grande que o *Jornal dos Sports* tinha então dois secretários, que se alternavam, um num dia e outro noutro, que era o Luiz Bayer e o Geraldo Romualdo da Silva, que eram companheiros antigos do Mário Filho, e o Mário Filho, que era uma pessoa muito generosa, ele não queria conceder o poder a um em detrimento do outro, então, ele dividiu o poder, um era secretário num dia, no outro dia era outro e havia esse revezamento. Pois o Bayer, ele era hostil a essas modificações que nós introduzimos. Ele escrevia uma coluna numa página par do jornal chamada *Câmara*, em que dava as notícias da Federação Carioca de Futebol. Ele escrevia as matérias no verso dessa página sem o diagrama para não se dobrar àquela inovação que nós estávamos introduzindo. E, seguindo o exemplo dele, o mesmo era feito por um eminente companheiro nosso chamado Nelson Rodrigues, que não aceitava aquela lauda diagramada e continuava a escrever utilizando o verso da folha diagramada e com a seguinte característica, que era o traço dos originais do Nelson, ele escrevia com entrelinha um, as emendas ele fazia a tinta puxando a palavra que acrescentava, ou cortava para fora da linha, e ocupava as duas margens de ponta a ponta, ele começava junto a margem esquerda e na margem direita, se não cabia a palavra, ele parava aonde a palavra dava, mas não se dobrou a coisa. Aí, no *Jornal dos Sports*, eu também tive o privilégio de uma convivência muito generosa com o Mário Filho, que me convidou para fazer a revisão tipográfica de um livro dele, *Viagem em Torno de Pelé*, como um plus, sem remuneração, mas que eu fiz com o maior carinho e aplicação, porque eu o admirava muito. Veio uma crise, em decorrência do relacionamento nosso com o Bayer, o Bayer tinha 30 anos de casa, eu tinha seis meses, entre um e outro, o Mário Filho, muito constrangido, até porque isso representava um agravo ao filho dele, ao Mário Júlio, me dispensou do jornal. E aí eu comecei na *Última Hora* em julho de 1963, para uma experiência muito, muito rica, porque na *Última Hora* você... O jornal refletia, tinha as suas convicções, então, você não escrevia nada que agredisse ou contrariasse as suas convicções, o que não é comum em qualquer veículo, e foi um momento muito intenso da nossa atividade jornalística.

**Então, você está na *Última Hora*, no pré-golpe?**

É.

**Como você mesmo disse, com exceção do *Última Hora*, todos os outros jornais patrocinaram o golpe... A gente sabe um pouco o que acontece com a *Última Hora* depois, justamente por causa dessa posição, mas essa situação prévia ao golpe, qual é a situação da *Última Hora* naquele momento?**

Bom, a *Última Hora*, do ponto de vista de empresa, estava bem, pagava os salários em dia, pagava salários fora da média do mercado, competindo, inclusive, com o *Jornal do Brasil*, que era a redação, que era a empresa que pagava os mais altos salários, e tinha um engajamento muito grande nas questões que moviam a vida do país na época, principalmente a luta pelas reformas de base. A *Última Hora* tinha um elenco de colunistas de primeira água, Adalgisa Nery, na eminência do golpe, Paulo Francis, Stanislaw Ponte Preta, anteriormente já tinha tipo o Marques Rebelo, Francisco de Assis Barbosa, biógrafo do Lima Barreto, tinha chargistas de grande expressão, como o Jaguar, por aí. Então, o jornal, como empresa e como veículo, ele tinha uma posição muito boa, porque era inclusive um jornal querido e respeitado pelos leitores. Quando você chegava com um jipe azul, sem capota, da *Última Hora*, numa comunidade popular, seja para atender a emergência de um cano da CEDAE, que não era CEDAE, um cano de esgoto de água que estourou, ou para ir para um ensaio de escola de samba, o jornal era recebido com grandes homenagens, porque era um jornal realmente muito popular e sem concessão àquilo que outros jornais populares faziam, como *O Dia* e a *Luta Democrática*, que exacerbavam o noticiário policial. A *Última Hora* tinha um feixe de assuntos que englobava, primeiro, a cobertura política numa posição progressista, o acompanhamento do movimento sindical, uma cobertura esportiva forte e o acompanhamento da vida social na área de entretenimento, de vida social dos clubes, por aí, além do noticiário policial. A *Última Hora* tinha uma equipe de repórter de polícia que virava 24 horas, nunca deixava de estar no ar, de estar apostos e a qualquer hora da madrugada que fosse necessário, o jipe do jornal conduzia uma equipe com repórter e fotógrafo para um local, onde a presença deles era necessária. E nessa equipe havia algumas estrelas, como Amado Ribeiro e posteriormente, com a continuação dos seu aprendizado, porque ele chegou cru na redação do jornal, de um grande repórter chamado Otávio Ribeiro.

**Azedo, você vai ocupar ali também a função de redator na *Última Hora*, não é?**

De copidesque.

**Nós tivemos aqui o Domingos Meirelles, que falou que você foi o melhor copidesque com quem ele trabalhou. Qual era o segredo dessa tarefa do copidesque?**

Ao contrário do *Jornal do Brasil*, que era um jornal de largo espaço, em que você tinha matérias longas, de muitas laudas, por aí, a *Última Hora* tinha um espaço limitado, porque ela tinha um segundo caderno de variedades, com esporte, um tema da área de entretenimento e um primeiro cadernos de 12 páginas, onde tinha que compactar todo noticiário. Uma parte desse espaço era ocupado pelas colunas fixas, essas que eu mencionei, entre outras, como, por exemplo, tinha uma, além do noticiário político, tinha uma coluna de política em que se revezaram diferentes jornalistas, como, num determinado momento, Carlos Alberto Wanderley. Então, na verdade, o noticiário mais expressivo da *Última Hora* no fechamento, ele tinha que ser abrigado na segunda página com um poder de síntese muito grande e isso te exigia uma técnica de seleção e de redação muito atenta para você poder colocar no espaço limitado, que te era reservado para uma determinada notícia, aquilo que era essencial. Eu me lembro que nos últimos dias de março de 1963, eu tinha entrado no jornal em julho de 1963, em relação ao jornal em si eu era iniciante, embora fosse conhecido da equipe em razão da convivência em eventos sindicais, em eventos, como cobertura de escolas de samba, ensaio de escolas de samba, então, eu era conhecido do pessoal da redação. Na segunda quinzena de março, na medida em que se agravou a crise política, sobretudo na Assembleia dos Marinheiros etc e tal, por aí, o Samuel Wainer, ele tinha, o gabinete dele não era no andar da redação, a redação era no segundo andar e o gabinete do Samuel era no terceiro andar, de modo que ele pudesse receber, até com certa reserva, visitas que não tinha interesse em divulgar. Mas nesses dias o Samuel desceu do terceiro andar e no fechamento do jornal ele estava lá. Eu me lembro que... Porque nós admirávamos muito o Samuel pela trajetória dele, pelo tino jornalístico dele e pelo que ele representava em mudança na área profissional. Então, os companheiros mais antigos chamavam ele de Samuca, Samuel, por aí, e os novatos, como eu, não chamavam de nada por respeito. Mas eu me lembro que um dos momentos mais confortantes foi que nesses dias de tensão, eu redigindo esse noticiário nessa segunda página, fazendo aquilo que a gente chamava o grande condensado, você tinha notícias procedentes de agências, de repórter, 20, 30 notícias, que você tinha que pegar aquilo, sintetizar, pegar a soma mais significativa e botar ali. E eu me lembro que eu estou lá na máquina de escrever, na minha Olivetti, de repente eu sinto que uma pessoa bate no meu ombro e começa a acompanhar o meu texto sem dizer nada, era o próprio Samuel vendo ali o nascimento da notícia. Então, foram dias de muita excitação do ponto de vista de realização jornalística e de

inquietação política. Eu me lembro que na madrugada de 31 de março para 1º de abril de 1964, eu na *Última Hora*, o Sérgio Cabral, no começo da madrugada, no fim da noite, o Cabral ligou para mim e disse: "Porra, Maurício, o Kruel aderiu ao golpe", e eu desse lado de cá disse: "Boa!", porque nós achávamos que naquela momento nós podíamos fazer um ajuste de contas com os golpistas, inclusive com o Kruel, que era um traidor do Jango. Mas então a gente vivia isso com um fervor cívico e político muito forte.

**E, acontecido o golpe, qual é o clima na redação da *Última Hora*? O que acontece? Qual é o sentimento, a expectativa do pós-golpe?**

A primeira expectativa é de que o golpe não tivesse a duração que, infelizmente, teve. Em segundo, um sentimento de insegurança em relação ao cerco que o jornal sofria, porque nesse primeiro de abril, no dia 1º de abril, no dia 1º para o dia dois de abril, a redação não funcionou, o jornal não foi impresso, a *Última Hora* ocupava um prédio de três andares e, talvez, um terraço no lado da Rua Sotero dos Reis, Sotero dos Reis, 62, e do outro lado tinha um galpão grande onde ficava a frota de veículos do jornal, que tinha muitos jipes. E as oficinas estava nessa parte, não no galpão, mas na parte onde estava instalada a redação. Então, no dia 1º de abril, já temendo as consequência da derrota do Jango, a direção do jornal, a essa altura o Samuel já tinha se asilado na embaixada do Uruguai, que era a primeira cabeça a prêmio, pelo ódio do Lacerda, era a dele. A direção do jornal, prevendo represálias e violências contra o jornal, fechou o galpão e baixou as portas de aço da sede da redação e das oficinas, para proteger contra atos de vandalismo, que foram tentados, o pessoal que tacou fogo no prédio da UNE, tendo entre os seus integrantes o Flávio Cavalcanti, animador de televisão, e um apresentador de televisão, Murilo Nery. Se dirigiram para a Praça da Bandeira, pra Sotero dos Reis, pra fazer o ajuste de contas com a *Última Hora*. Chegaram lá, não conseguiram, porque essas medidas de proteção tinham um grau de eficácia como forma de despesa que eles não suspeitavam. Mas mesmo assim, no dia seguinte, isso em relação a oficina. Em relação a redação, eles tiveram um acesso a redação e fizeram uma arrasa, derrubaram arquivos, espalharam coisas, cortaram telefone, jogaram as coisas para o ar. E no dia dois, quando nós voltamos a redação para retomar a atividade do jornal, nós tivemos que trabalhar num cenário de destruição, inclusive com a parte da equipe indo trabalhar no terceiro andar, na parte destinada a direção e a administração, porque ali no segundo andar, na redação, não havia condições adequadas de trabalho.

**E quanto tempo você fica na *Última Hora*?**

Fico na *Última Hora* até 1966 e aí saio da *Última Hora*, que entrou num processo de decadência econômica, trocou de mãos etc e tal, atrasava o pagamento, nós, inclusive, com todo respeito que um jornal, como veículo de oposição merecia de nós, mais de uma vez nós fizemos assembleia na redação nesse segundo andar já recuperado para definir uma posição da corporação e mandar advertir a direção que, se o salário não saísse, ou integral, ou sob a forma de vale, nós íamos entrar em greve. Então, foi um período muito difícil e aí surgiu proposta de trabalho na Bloch Editores e eu fui para a Bloch Editores trabalhar na revista *Jóia*.

### **O que era a revista *Jóia*?**

Era uma revista tipo *Claudia*, concorrente de *Claudia*, uma revista feminina de moda e de assuntos de interesse da mulher.

### **Como era o mercado de revistas nesse tempo?**

Não, eu falei do tipo de revista, porque eu não me lembro se a *Joia* concorreu a *Claudia*, porque eu não tenho ideia de quando a *Claudia* começou, é o modelo de revista. E quando a *Claudia* surgiu, ela teve uma posição forte no mercado na conquista de leitores porque ela inclusive apareceu com propostas inovadoras no que diz respeito a costumes, por aí, tendo, por exemplo, uma articulista chamada Carmem da Silva, que era uma espécie de pioneira na exposição de questões relacionadas com sexo, a vida conjugal, enfim, por aí.

### **Em seguida, você vai para a Abril também, para a *Realidade*, é isso?**

Não, aí eu volto para o *Jornal dos Sports*, volto para o *Jornal dos Sports*, e aí o Mario Filho tinha morrido, tinha havido aventura do jornal O Sol, editado pelo Reynaldo Jardim, Ana Arruda e uma séria de outros profissionais, que foi uma aventura jornalística interessante, mas empresarial quase leva o *Jornal dos Sports* à falência. O jornal O Sol tinha uma tiragem, digamos, de 15 mil, 20 mil exemplares, ia para as bancas, não vendia nada e isso significava desembolso de recursos do jornal. Quando eu fui para o *Jornal dos Sports* pela segunda vez, em 1967, o papel que o jornal tinha que ser impresso para o dia seguinte, ele tinha que ser comprado na véspera com dinheiro vivo, porque o crédito do jornal na fornecedora, chamada SAMAB, Sociedade Anônima Mercantil Anglo-Brasileira, o crédito do jornal estava cortado, porque O Sol, a ventura de O Sol, significou para o *Jornal dos Sports* um vazadouro de recursos. O que atenuou um pouco a crise do *Jornal dos Sports* foi que nesse momento o Adolfo Martins, que hoje é do grupo Folha Dirigida, passou a fazer uma seção escolar, o *Escolar JS*, que deu prestígio ao jornal, atraiu anunciantes de uma área limitada, mas que constituiu uma forma de



revitalização do jornal, mas um período muito difícil. Aí eu fiquei no *Jornal dos Sports* em 1967, 1968, quando a crise se agravou, houve um convite para eu ir para a *Realidade*, partido do Milton Coelho da Graça, e aí eu fui pra São Paulo.

**Então, na verdade, entre a *Última Hora* e a revista *Realidade*, você tem uma experiência importante também, que é a *Folha da Semana*, que foi o quê?**

Entre a *Última Hora*, o *Jornal dos Sports* e a *Realidade*, da Editora Abril. A *Folha da Semana* foi o primeiro jornal de oposição criado no Brasil após o golpe militar de 1º de abril de 1964. Foi um empreendimento do Partidão, do Partido Comunista Brasileiro, que viu, sentiu a necessidade de depois do fechamento do seu jornal, em 1º de abril de 1964, o jornal semanário *Novos Rumos*, e do desaparecimento de toda imprensa sindical e da imprensa de resistência, decidiu lançar um jornal que pudesse promover a divulgação de informações e opiniões que conduzissem a formação de uma frente para a derrota da ditadura. Então, numa tarde de sábado, eu Sérgio Cabral e o Luiz Mário Gazzaneo, fomos convidados para uma reunião na casa do Sérgio Cabral, ali no bairro do Engenho Novo, em que dois dirigentes, dois membros do comitê central do Partido Comunista do Brasil, o Orlando Bonfim e o Joaquim Câmara Ferreira, nos comunicaram a decisão de editar esse jornal proximamente, eles já estavam com os levantamentos necessários de recursos mínimos e providências também, na área administrativa e contatos políticos, para lançar o jornal, que teria como redator-chefe o Sérgio Cabral e como secretário de redação a mim. O Gazzaneo não tinha nenhuma função nominal, porque, como ele tinha sido da equipe do *Novos Rumos*, o temor do partido é que se apontasse a presença de um membro da equipe de *Novos Rumos* como algo que pudesse conduzir a interdição do jornal ou a sua proibição antes de circular. Então, nós nos lançamos a produção da *Folha da Semana*, que era um jornal que circulava às quintas-feiras, formato tablóide, duas cores, preto e branco normal e o azul na barra do logotipo do jornal, e que nós fechávamos na quarta-feira no começo da tarde para impressão na *Tribuna da Imprensa*. E nós desempenhamos nesse jornal um papel político e jornalístico muito importante, na nossa avaliação, na nossa avaliação considerando a adversidade do momento que se vivia. Porque o golpe de 1964, ele tinha sido muito contundente através do fechamento e da interdição de todas as forma de expressão na sociedade, os sindicatos, as associações da sociedade civil, os veículos de informação, por aí, e o terror da violência das prisões indiscriminadas, dos inquéritos policiais militares infundáveis, das prisões, afora a imposição de exílio e de outras medias coercitivas das pessoas. Nós, até abril de 1964, nós, jornalistas, os jornalistas comunistas e os jornalistas progressistas sem

vinculação ao Partidão, nós tínhamos uma atividade que vinha num crescendo, inclusive no campo sindical, apesar da derrota da greve de gráficos e jornalistas, em 1962. E o golpe de 1964 espalhou na sociedade e nosso meio profissional. Então, eu me lembro que nós levamos, depois do golpe, uns dois ou três meses para os aglutinarmos e fizemos de uma forma boêmia e esportiva, porque combinamos um chopp na Taberna da Glória, ali no começo do fim da Rua da Glória, para trocar algumas ideias e iniciar o processo de reorganização e de reaglutinação das pessoas, visando a resistência que a gente pressentiu logo que ia ser uma tarefa demorada e muito áspera. Bom, então, o jornal nos permitiu desenvolver um trabalho no campo profissional, que para nós foi muito honroso, porque a *Folha da Semana* tinha entre seus colaboradores o Otto Maria Carpeaux, o Otávio Malta, o Paulo Francis, o Alex Viani, o Leandro Konder, o Tite de Lemos, que morreu precocemente, enfim, bom... E na redação, em caráter permanente, o nosso editorialista era o Ferreira Gullar. O outro editorialista era o João Antônio Mesplé, aquele que teve a tal luta demorada com *O Globo*. E nós tínhamos um engajamento nas questões de mais relevo da época, a luta pela liberdade, a participação na campanha eleitoral de 1965, que conduziu a eleição do Negrão de Lima no Rio de Janeiro e do Israel Pinheiro em Minas Gerais, com a derrota das forças golpistas aqui no Rio de Janeiro, representadas pelo governador Carlos Lacerda e as denúncias da violência da ditadura, da sua política antinacional, do terror que promovia. Eu me lembro que uma das manchetes que nós fizemos na *Folha da Semana*, tinha mais ou menos a seguinte linha: "Enquanto o povo torcia pela seleção, o Castelo Branco assinava cassações", mostra a face hedionda e impiedosa do regime. E a nossa circulação era dificuldade pelo fato de que os jornaleiros tinham medo de exibir os jornais com suas manchetes de contestação. Em alguns casos, os repartes que nós mandávamos para os estados não eram sequer distribuídos. Eu me lembro que nós tínhamos um reparte, algo em torno de 50 a 100 jornais, para o Recife, Pernambuco, onde tinha sido instalado o terror pelo Quarto Exército, que os jornais que nós mandávamos para ser distribuído, em nome do antigo distribuidor do jornal Novos Rumos, José Sombreira de Franco, eles ficavam acumulados na agência do Correio, porque era considerado material subversivo e inservível de distribuição. Bom, em determinado momento, como nós tínhamos a circulação dificultada, nós resolvemos fazer uma distribuição dos exemplares não vendidos, os remanescentes, os jornais devolvidos pela distribuidora, na gare da Leopoldina, ali na Avenida Francisco Bicalho, onde o contínuo do jornal, o Ubirajara, que distribuiu o jornal às pessoas de graça, foi preso pelos agentes da repressão e os jornais levados para o DOPS, e se instaurou um procedimento de caráter repressivo que eu mencionarei em seguida. Em

seguida por causa do seguinte: porque, como se tratava de uma publicação que não podia ter a estampa, o nome, o vestígio de que era um jornal do Partido Comunista, a direção do partido formou uma sociedade anônima, que tinha como presidente um médico de grande renome, o doutor Mauro Lins e Silva, e convidou para o diretor nominal do jornal o advogado Alfredo Tranjan, que era deputado estadual. Pois bem. Após esse acidente, incidente da estação da Leopoldina, um dia nós somos surpreendidos pela chegada do deputado Alfredo Tranjan, que, desesperado, diz: "Para tudo, para tudo, tira o meu nome desse jornal, que eles vão cassar o meu mandato". E aí nós tivemos que proceder, diante de uma exigência tão forte, tivemos que substituir o Tranjan na edição seguinte como diretor responsável do jornal. Convidamos para assumir o cargo nominal de diretor e se integrar mais a equipe um companheiro que já colaborava conosco, que é o Arthur José Poerner, o Poerner, que meses depois foi cassado, tornando-se o mais jovem dos cassados pela ditadura militar e, por fim, diante da impossibilidade do Poerner continuar como o responsável pelo jornal, nós chamamos um jovem companheiro, o Anderson Campo, o Anderson de Santana Campos, que corajosamente, apesar de sua pouca idade, tinha também 20 e poucos anos, aceitou o desafio de aparecer como responsável por um jornal subversivo, ao qual ele se integrou plenamente até o fim da publicação. Mas o fato é que esse acidente na estação da Leopoldina gerou um inquérito policial-militar, a cargo da Marinha, e numa quarta-feira, quando nós chegávamos para as providências de fechamento das últimas matérias do jornal para levar para a oficina na hora do almoço, a nossa redação tinha sido ocupada pela Marinha, através do Corpo de Fuzileiros Navais, e se instaurou um inquérito policial-militar sob a presidência ou chefia do Capitão Bento Augusto de Magalhães. E o terrível nesse episódio é que a *Folha da Semana* ocupava duas salas no 13º andar de um prédio da Avenida Presidente Vargas, salvo engano 642, e após o hall dos elevadores, as salas que o jornal ocupava ficavam como a haste de um ele, você saía do elevador e não via o que havia na haste do ele. Eu fui o primeiro a chegar, como secretário de redação. Quando saio do hall dos elevadores e pego o corredor de acesso as salas do coisa, na porta do jornal tem um fuzileiro naval de dois metros de altura, todo preparado para a guerra, para prender, como uma espécie de papel pega-mosca, quem chegasse para o jornal. A essa altura, já tinham sido presos o contínuo e o gerente do jornal, nosso companheiro Laudo Leite Braga. Bom, aí eu dobrei a haste do ele, quando vi o fuzileiro naval, aquela homanjarrá, as pernas tremeram, mas eu não podia recuar, porque se recuasse era uma confissão de culpa, continuei no passo, entrei na sala em frente, que era de um pessoal de setor de serviços, advocacia, corretagem de imóveis etc e tal, com os quais nós tínhamos um relacionamento amistoso, não

muito frequente, porque eles ficavam admirados de como é que a gente tinha coragem de editar um jornal que publicava aquelas manchetes. Aí eu entrei na sala, nessa sala fronteira, respirei fundo e perguntei o que estava havendo, eles contaram: "Olha, estão aí desde X horas etc e tal, já prenderam duas pessoas do jornal". Bom, e aí, depois disso, dei um tempo e desci para avisar aos companheiros que não deveriam subir, porque senão seríamos presos. E entramos e adotamos as medidas para a defesa diante daquela violência, contato com a ABI, aviso aos jornais, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil* etc e tal, para denúncia da violência. E aí respondemos ao inquérito policial-militar, que se arrastou por um período, eles apreenderam, além da documentação de arquivo do jornal, o nosso departamento, nosso modesto departamento de pesquisa, eles apreenderam os documentos contábeis da empresa, porque eles queriam ver se encontravam provas da vinculação do jornal com o Partido Comunista, para ter um pretexto para um processo com base na lei de segurança nacional. E prosseguimos no jornal desempenhando esse papel muito importante naquelas condições. O jornal começou a circular no dia 2 de setembro de 1964, e no dia 13 de dezembro de 1966, quando nós preparávamos e tínhamos mandado para a oficina a edição de número 56, veio a notícia de que o ministro da Justiça, Carlos Medeiros Silva, tinha assinado uma portaria proibindo a impressão, a distribuição e a circulação do periódico *Folha da Semana* em todo território nacional. Atribuía a gente uma importância que a gente diz "todo território nacional", quem dera, mas o fato é que terminou assim, com esse fato de força, uma experiência muito significativa da resistência à ditadura no campo da imprensa e da liberdade de expressão.

### **E aí, Azedo, que vem a *Realidade*?**

Não, aí eu vou para o *Jornal dos Sports*. Vou para o *Jornal dos Sports*. Eu, nessa época, acumulava a *Folha da Semana* com freelance, por aí, vou para o *Jornal dos Sports* e depois vou para a *Realidade*, em outubro de 1968.

### **E como foi sua experiência na *Realidade*?**

Foi uma experiência muito fecunda do ponto de vista, primeiro, de crescimento profissional, e segundo também do ponto de vista do prazer de fazer, participar de uma publicação daquela. Porque a *Realidade*, ela representou uma mudança na imprensa brasileira, na imprensa periódica e pela abertura de temas, inclusive abordando questões que então constituíam tabu, como sexo antes do casamento, a liberdade sexual da mulher, uma série de temas que constituíam uma ousadia para a época, não apenas em termos de regime da ditadura militar, mas em termos do sentimento conservador que era predominante no conjunto da sociedade. Então, a

*Realidade* oferecia esse atrativo. E depois o trabalho era muito prazeroso, porque a *Realidade* representou a redenção do texto, você tinha companheiros que, para fazer uma reportagem, e a empresa, a Editora Abril e a revista, bancavam isso, se você precisasse levar um mês e meio, dois meses, levantando um assunto, você era liberado de outras matérias da pauta para levantar esse assunto. E por outro lado, além dessa redenção do texto pela largueza com que você podia abordar um aspecto determinado com matérias com 20, 30 laudas, por aí, você tinha também um critério seletivo e democrático de definição da pauta da revista. Então, era um trabalho muito prazeroso e que enfrentou uma dificuldade, no caso do meu início, no início do meu trabalho na revista, se deparou com uma dificuldade, que foi o fechamento do regime. Eu fui para *Realidade* nos últimos dias de outubro e participei já, a edição de novembro já estava fechada, participei já como editor de texto, responsável pelos textos da revista, o fechamento da edição de dezembro de 1968, que apresentava um tema ousado para a época, que era uma reportagem do Paulo Patarra com o Luiz Carlos Prestes, que era o líder do Partidão, com quem ele manteve uma entrevista na clandestinidade, em condições arquitetadas lá pelos meios que ele pode mobilizar na época e que tinha o título: "Este rosto não existe mais", que era uma alusão a uma suposta, uma possível operação plástica que o Prestes tinha feito para descaracterizar a fisionomia pela qual poderia ser reconhecido. Isso foi em dezembro de 1968 e nesse mês se dá a edição do Ato Institucional número 5, AI-5, e a revista, no ano seguinte, nos anos seguintes, assim como toda imprensa, vai sentir as dificuldades oriundas do caráter fascista que o regime assume a partir daí.

### **Você fica até quando na *Realidade*?**

Eu fico na *Realidade*... Bom, aí, na *Realidade*, eu e um companheiro, que era aqui do Rio de Janeiro, o Aristélio Travassos de Andrade, o Aristélio teve a ideia de "Maurício, vamos propor a criação na Abril de uma revista esportiva, porque há muito tempo, desde o desaparecimento da *Manchete Esportiva*, não há uma revista dedicada a esportes. A gente pode fazer um projeto e encaminhar pelos canais devidos da empresa". Aí sentamos, fizemos um projeto, apresentamos ao Paulo Patarra, que tinha sido diretor de redação da *Realidade* e que era autor dessa reportagem com os Prestes, que tinha sido afastado da revista em função de uma crise envolvendo a antiga equipe, e que tinha sido guindado a uma função que se denominava editor de projetos especiais. Aí nós levamos o projeto ao Patarra, que gostava da questão da área de esporte, que fez os encaminhamentos devidos e ajustes no projeto original que a gente elaborou. E aí, no fim de 1969, começo de 1970, tendo em vista a Copa do Mundo do México, esse projeto da revista esportiva

foi materializado na criação de *Placar*, que é a revista que existe até hoje, sem a periodicidade que tinha originalmente, que era semanal, agora a *Placar* sai, às vezes, mensal, às vezes, com uma periodicidade que não é muito certa.

**A *Placar* depois alcançou grande popularidade. Isso foi de imediato?**

Não.

**Como é a história da revista?**

A revista teve um começo acidentado, como, aliás, aconteceu também com a *Veja*, cujo começo foi terrível, não correspondeu as ilusões que a empresa, que a *Editora Abril* tinha. O primeiro número da revista *Placar*... Primeiro, a Abril não fez um lançamento com uma promoção publicitária que o lançamento de uma publicação exigiria e o seu Victor Civita, que era o dono e diretor, e o presidente da Editora Abril, ele imaginou que o número um da revista *Placar* que viesse pregada na revista uma medalhinha com a esfinge do Pelé, como se fosse uma medalha de ouro. E aí se fez uma tiragem de 300, 400 mil, 500 mil exemplares, não tenho ideia do número exato, mas o fato é que a vendagem da revista foi frustrada exatamente pela existência dessa medalha, porque, sobretudo, os jovens iam nas bancas de jornais, distraiam o jornaleiro, tiravam a medalhinha para ter a lembrança do Pelé e o encalhe da revista foi monumental. Então, nós editamos a revista com extremo heroísmo, até a Copa do Mundo e o fim da Copa do Mundo, uma equipe da qual fazia parte, entre outros, eu, o Woile Guimarães, o Hamilton de Almeida Filho, muito querido pela abreviatura do nome, o Haf, e o Elifas Andreato, que era o diagramador da revista, o José Maria de Aquino, o Dante Matiuze, enfim, um grupo de companheiros muito valoroso e que sustentou a ideia da revista, mas sem aquela grandeza, sem aquela circulação miliardária que o seu Victor imaginava. Durante a Copa do Mundo, e pelas informações que a gente tinha da circulação, a revista vendia em torno de 170 mil exemplares, o que é uma cifra alta, o que é um número alto, mas não para a ambição com que a Abril tinha aprovado o projeto. E aí, com a Copa do Mundo, a direção da empresa interveio na revista, nomeando para dirigi-la o jornalista Claudio de Souza, que era um dos primeiros colaboradores do seu Victor Civita quando ele começou a editar e distribuir a revista *Mickey* no Brasil, o Claudio de Souza atuou como interventor e uma das primeiras medidas que ele adotou, combinado com a empresa, foi cortar grande parte da redação cujos salários eram considerados astronômicos, e aí a revista entrou num perfil diferente daquele que a gente imaginava e também com investimentos mais limitados da empresa, que já não pagou a partir daí os salários que pagava a essa equipe original.

**Como foi sua entrada no jornal *O Dia* e sua experiência lá? Foram duas passagens, não é?**

Não, não, não, eu não, na verdade eu só passei n' *O Dia* uma vez, porque ocorreu o seguinte: depois da revista *Placar*, eu estava radicado em São Paulo, voltei para o Rio de Janeiro, fui trabalhar na revista *Pais & Filhos*, da Bloch Editores, aqui. Depois, assumi a direção da revista *Fatos e Fotos*, trabalhei na *Última Hora* já sob a gestão dos irmãos Alencar, com a *Última Hora* e o *Correio da Manhã* fundidos, geridos por uma só empresa, mas editorias independentes, uma empresa chamada Ecos, que deu calote em centenas de jornalistas e funcionários dos dois jornais. Em fevereiro de 1972, houve um movimento reivindicatório da equipe dos dois jornais e eu e dois companheiros, o George de Barros Cabral e o Juraci Costa, ambos já falecidos, fomos presos pelo DOPS porque uma das participantes desse movimento salarial, havia uma grande animosidade em relação ao Partidão, inclusive um certo ciúme porque o Partidão era a organização maior, era mais atuante, de mais prestígios, e grupos minoritários, grande parte originários do próprio Partidão, tinham como principal inimigo não a ditadura, mas o Partidão. E uma participante desse movimento foi presa e denunciou no DOPS que o jornalista Maurício Azedo era o chefe da célula comunista do jornal *Última Hora* e *Correio da Manhã*. Aí nos ficamos uma semana presos, o Juraci Costa trabalhava na parte comercial do jornal, voltou ao seu trabalho, mas eu e George Cabral, quando fomos soltos, fomos recebidos pelo diretor de redação, comunicando que nós estávamos demitidos. Era o Ari de Carvalho, que muito constrangido, a gente perguntava: "O que houve, Ari?", e nós sabíamos que tinha havido pressão dos órgãos de repressão para que aqueles dois subversivos fossem afastados do jornal, mas o Ari de Carvalho não podia nem descumprir a ordem, nem revelar a existência da ordem, então, nós saímos e, 20 anos depois, numa espécie de autocrítica, o Ari de Carvalho, ele recomenda ao editor de esportes d' *O Dia*, o Antônio Henrique Lago, que agora é da *Globo News*, que me convidasse para fazer uma coluna de esportes n' *O Dia*, não todo dia, mas três, quatro, cinco vezes por semana. E aí eu fiquei colaborando n' *O Dia* durante cerca de dois anos, numa colaboração muito acidentada, porque nessa época eu estava absorvido pelos encargos do mandato de vereador à Câmara Municipal do Rio de Janeiro. E o convite para fazer uma coluna esportiva derivava do fato de que na *Última Hora*, nos anos 1960, eu tinha feito uma coluna esportiva que saía às segundas-feiras, sob o título de Crônica da Leonor, que era uma crônica esportiva em cima do jogo do Maracanã no domingo em que eu me manifestava imparcialmente rubro-negro, como imparcialmente rubro-negro sou até hoje. E essa coluna surgiu da seguinte circunstância: o

diagrama dessa página tinha vários colaboradores. Tinha o Stanislaw Ponte Preta, o João Saldanha, o Mário Viana escrevendo sobre arbitragem e o Ademir Menezes. E, além do João Saldanha, do ponto de vista do leitor da *Última Hora*, a grande atração desta página era o Stanislaw Ponte Preta. Um dia o Stanislaw Ponte Preta, o Sérgio Porto, ligou para o Jorge de Miranda Jordão, que era o diretor de redação, dizendo: "Olha, Miranda, eu vou mandar a crônica dessa semana, mas põe alguém no meu lugar porque futebol carioca está muito fraco. E aí, como não se podia alterar o diagrama da página, o Miranda Jordão decidiu chamar a redação para que se indicasse quem poderia fazer a crônica nesse espaço aberto pela saída do Stanislaw Ponte Preta. Aí uma estranha combinação, uma estranha aliança, entre rubro-negros e vascaínos da redação, ficou decidido que eu ocuparia o espaço para atenuar... Ah, tinha mais. Além desse, tinha o Jacinto de Thormes para atenuar um traço que estava presente naquela página, a maioria dos colaboradores era torcedor do Botafogo, então, era preciso opor uma alternativa clubística a esse primado dos botafoguenses.

**Azedo, a gente vai ter que privilegiar alguns assuntos em detrimento de outros, infelizmente, e eu queria que você comentasse a sua atuação junto ao Sindicato dos Jornalistas, que você fizesse um histórico da sua relação com o sindicato.**

A nossa relação com o sindicato foi uma relação a partir de determinado momento, durante o período da ditadura militar, muito acidentada e muito adversa, porque o presidente do sindicato, José Machado, que até 1964, 1962, tinha uma atuação progressistas, a partir da posse no sindicato, para o qual foi designado pelo conjunto de companheiros, ele passou a ser uma força auxiliar do regime, seguindo muito as ordens do Ministério do Trabalho e do delegado regional do trabalho na época, o doutor Luiz Carlos de Brito, que depois se tornou membro do Tribunal Regional do Trabalho do Estado do Rio de Janeiro. E a ditadura impedia, mesmo quando a gente fazia proposta de inclusão na chapa de nomes, sob os quais não pesava nenhuma suspensão de comunista ou de subversivo etc e tal, o Ministério do Trabalho não concedia o registro da chapa. Nós fizemos aliança com o Machado para inclusão, entre os membros da diretoria, do Anderson de Santana Campos, que nunca tomou posse em razão da falta de atestado de ideologia, do João Máximo, que entrou como suplente, mas não pode ter uma participação acentuada, e ficou claro, com o decorrer do tempo, que o sindicato era um órgão a serviço não do patronato, mas a serviço da ditadura. Então, nós iniciamos um movimento para derrubada do José Machado através do sistema adequado, que seria eleição, e desenvolvemos com esse fim uma resistência muito grande, em condições que nos



expunham inclusive a repressão maior da ditadura. Houve um momento em que nós programamos a realização de uma reunião no auditório do sindicato para discutir questões salariais e ao mesmo tempo rumos da campanha e, numa vez precedente, o sindicato não abriu as portas para a nossa reunião, diante dos nossos protestos, eles cederam o auditório e quando nós estávamos em prontidão, e nós estávamos em reunião, veio uma turma do DOPS armada com fuzil, por aí, para nos ameaçar e nos intimidar. Não prendeu ninguém, mas fez uma intimidação.

### **Exatamente em que ano é isso?**

Isso daí em 1973, 1974. E a identificação dos agentes da repressão foi possível de um lado porque um deles tinha uma arma claramente exportada e segundo porque um dos integrantes era um policial do DOPS, conhecido no DOPS como alguma grande, que quando nós estávamos preso no DOPS era o homem que, mediante propina, ia pegar um lanche no botequim da esquina pra gente. E aí nós iniciamos um movimento forte de rejeição do Machado, inclusive fizemos, convocamos e realizamos assembleias em que o espaço do auditório do sindicato, que não é muito grande, não cabia de gente, tinha gente, gente ficava de fora, na escada, no pequeno hall dos elevadores, tal o impacto que essa proposta exercia sobre a categoria profissional e tal a identificação que essa proposta tinha com o sentimento dos jornalistas. E aí passamos a manter uma campanha permanente, inclusive com a edição de jornal de campanha, nós criamos uma publicação chamada *Jornal da Assembleia*, em que denunciávamos o comportamento do Machado e da diretoria do sindicato, e fazíamos propostas, convocações de reuniões, e com isso fomos corporificando um movimento que permitiu, em 1978, que a gente derrotasse o Machado e seus candidatos através da eleição do Carlos Alberto Oliveira dos Santos, o Caó, e aí o sindicato tomou outro rumo.

### **Como passa a ser essa atuação do sindicato?**

Bom, nos primeiros tempos essa atuação foi muito positiva do ponto de vista da categoria profissional. Eu me lembro, por exemplo, que uma das dificuldades que havia no meio profissional era a questão salarial do pessoal da Rede Globo de Televisão, que o sindicato, a custo de pressão e contatos com a empresa, e contatos com o Ministério do Trabalho, com a fiscalização, nos permitiu que o sindicato tivesse acesso a folha de pagamento da Rede Globo para correção de uma série de injustiças salariais e de sonegação de vantagens salariais que tinham sido decretadas e que a empresa não tinha assumido. Esse foi um ganho importante, e depois também a própria imagem do sindicato mudou, o sindicato passou a ser considerado como um instrumento de luta em defesa dos direitos dos jornalistas

perante o patronato da empresa, que é o patronato mais poderoso do Brasil, porque a imprensa tem o poder da mídia e raríssimo é o governo, ainda não existiu governo que tenha condição de enfrentar o patronato e os interesses coligados ao patronato da mídia para o cumprimento de obrigações e o respeito aos direitos dos jornalistas. Nós temos aí alguns casos traumáticos, esse que eu mencionei da Ecos, há jornalistas que morreram e nunca viram os seus direitos respeitados. O caso do fechamento da *TV Manchete*, que foi objeto de uma negociação sinuosa e escabrosa entre os antigos proprietários ou o Ministério das Comunicações e os atuais detentores da concessão, enquanto três centenas de trabalhadores da *Manchete*, não só jornalistas, mas de outras áreas, não vêem os seus direitos respeitados, e tão grave quanto isso, nós vemos um patrimônio cultural e material, que é o arquivo da *Manchete*, depreciando com grave dano para a memória do país. E também vou dizer o seguinte, aí depois eu não lembro, não quero me aprofundar nessa coisa, houve um momento em que o sindicato passou a ser dirigido por um grupo e vinculado a ARFOC, Associação dos Repórteres Fotográficos, e o sindicato entrou em declínio, inclusive capitulando em relação a questão essencial que é, o salário mínimo profissional. Então, esse aspecto é um aspecto que não é muito favorável ao desempenho do sindicato nos últimos anos, quando refiro nos últimos anos, excludo desses últimos anos o mandato do Aziz Filho e da Suzana Blass, agora que procuraram devolver ao sindicato a reintegração no papel que lhe cabe como defensor da comunidade jornalística.

**Hoje você ocupa a presidência da ABI, entidade que ao longo da sua história é marcada pela importante defesa dos jornalistas, da liberdade de imprensa, principalmente durante a ditadura. Hoje, qual é o grande desafio, quais são as lutas da ABI?**

O grande desafio da ABI é defender a liberdade de imprensa, as liberdades públicas, o primado da constituição e os direitos humanos. E nesse campo nós temos enfrentado nos últimos tempos, nos últimos meses, nos últimos anos, revezes e agressões de grande mota, porque nós vivemos sob o abrigo de uma constituição democrática, que decretou a instituição do estado democrático de direito no Brasil, as liberdades, de modo geral, são observadas, inclusive no que concerne a liberdade de imprensa e a liberdade de informação, mas nós temos agressões tópicas e agressões em cadeia, as manifestações dos órgãos de comunicação, como ficou claro agora nos episódios em São Paulo, da justiça eleitoral punindo a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e a revista *Veja* São Paulo, os processos da Igreja Universal do Reino de Deus conta a Elvira Lobato, a Folha de São Paulo, o jornal *Extra* e o jornal *A Tarde da Bahia*, manifestações

isoladas que se espalham pelo território nacional, sobre as quais, dada a grandeza do país, a grandeza física do país, a gente não tem conhecimento, acesso, como, por exemplo, entre os jornais jugulados pela Justiça Eleitoral, está o jornal chamado *Tribuna do Prata*, de um modesto município do interior do estado do Tocantins chamado município do Prata. Então, nós temos aí um quadro pontilhado de adversidades, inclusive no campo de processos de dano moral, de supressão da liberdade como se deu no caso na biografia do Roberto Carlos, pelo Paulo César Araújo. Enfim, diante desses fatos, a ABI tem um crescente papel a desempenhar, em defesa daquilo que tem sido inclusive a tônica de seus cem anos de existência, que é a defesa da liberdade porque ela é essencial para a convivência humana e para que a sociedade tenha, possa escolher o seu destino.

**Você é uma pessoa que esteve envolvida em iniciativas de preservação da memória do jornalismo na ABI. Nesse sentido, eu queria lhe perguntar como que você vê essa iniciativa agora, do Sindicato dos Jornalistas, de propor e organizar um centro de memória do jornalismo brasileiro.**

Eu considero uma iniciativa da maior importância, porque no campo do jornalismo e da imprensa se dá um fenômeno que um antigo companheiro nosso, já falecido, Cosme Alves Neto, que foi curador da cinemateca e o grande sustentáculo da cinemateca do Museu de Arte Moderna, denunciava há 30 anos com um certo sentimento de frustração. O Brasil é um país sem memória. Um dos campos mais ricos da atividade nacional, seja do ponto de vista técnico, cultural, intelectual e ético, é a atividade dos jornalistas e da imprensa. No entanto, você tem uma escassez de informações sobre a trajetória dos veículos de comunicação e sobre os profissionais que construíram essa história, a história desses veículos de comunicação. Vou referir alguns exemplos de coisa, por exemplo, no começo do século, o Alcindo Guanabara era considerado o príncipe dos jornalistas brasileiros, mas se você salva no campo literário em que ele atuou, se você quiser uma informação sobre o Alcindo Guanabara você não tem, porque não há uma fonte, um sistema de reunião, de aglutinação e disposição dessas informações ao consumo e a consulta pública. Em alguns casos nós tivemos uma reparação, como se deu em relação ao João do Rio, que é o grande responsável pela forma como se faz jornalismo hoje no Brasil, cuja trajetória, cuja a obra, e cuja biografia foi recuperada graças a um companheiro jornalista, o João Carlos Rodrigues. E se você pegar num espaço imediato, num termo mais imediato, por exemplo, eu mencionei aqui o Mário Filho, o Nelson Rodrigues, que eram irmãos e filhos de um grande jornalista, o Mário Rodrigues foi o diretor e editor de crítica, você não encontra informação sistematizada ou indicações de fonte sobre a trajetória do Mário

Rodrigues, porque não há esse cultivo da memória nacional. Então, quando uma instituição da importância do nosso sindicato, com o apoio de instituições destacadas do ponto de vista empresarial do país, somam esforços para recuperação dessa memória, isso é algo que a gente tem que saldar como o preenchimento de uma falha muito grave, daquilo que é imperdoável, que é um povo e um país, ignorar o que aconteceu na sua existência nacional.